Crítica // Feito pipa ★★★

Coreografia da singularidade

Focado na autodeterminação de um menino criado pela avó, *Feito pipa* pretende brilhar no Oscar, como pré-selecionado brasileiro, com firme desvio do melodrama

Ricardo Daehn

A "miséria e a desgraça" do esquecimento que acomete a personagem Dilma (Teca Pereira), abatida pelo Alzheimer, até entra mencionada numa oração hilária do longa *Feito pipa*, do diretor Allan Deberton, mas é, em grande parte, substrato para o duro aprendizado do protagonista, o menino Gugu (Yuri Gomes), que vê liberdade e alegrias empacadas pela nova e perturbadora condição da avó. Bem menos áspero do que o destino reservado ao personagem infantil de *Big Jato* (do excelente Cláudio Assis), o percurso de Gugu dependerá do entrosamento (sempre forçado) com o pai Batista (personagem de Lázaro Ramos).

Num roteiro simples de André Araújo se desdobra o longa que impressionou frequentadores jovens do Festival de Berlim, no qual a produção venceu na Generation K-plus o Grande Prêmio do Júri, além do Urso de Cristal. Sob a precisa direção de arte de Dayse Barreto, o espectador é apresentado para o mundo de de cores acrílicas em que Gugu exerce, ainda saltitante, a "exploração do mundo" anunciada para a então fogosa e radiante avó. Pouco a pouco, Dilma se tornará a "máquina repetidora" feito papagaio ou se recolherá num misto de quietude ou arroubos de descontrole; tudo testemunhado pelo fragilizado neto que mora com ela.

Amante de futebol, Gugu traz consigo ilusões, adereços de vaidade (ao estilo de Dilma), mas também ferrenha determinação que não repercutirá numa rota de melodrama clássico. Para além da fixação com a música *Time after time* (de Cindy Lauper), Gugu tem momentos impagáveis e pueris, como quando traz um comportamento pudico frente ao contato com uma revista de nudez feminina.

Sentimentos exacerbados e rompantes são costurados na trama de Feito pipa que abraça circunstâncias em que ecoam *O céu de Suely* (2006, de Karim Aïnouz) e, de 2019, Pacarrete (do próprio Deberton, num momento então bem mais iluminado). Isolado e pressionado pelo pai (que pretende ver Gugu acatar "coisas de homem" e não ser "palhaço", leia-se discriminado), o protagonista prezará o fato de ser discrepante, num posto de singularidade em relação ao resto dos moradores da cidade pequena em que mora. A violência existe, mas de modo quase velado (exceto quando da cena da orelha furada) ou acentuada entre as irrefreáveis crianças, para além de fazer parte do passado do protagonista.

Entre rodopios de dança e a catatonia da avó (com quem dividiu impulsos juvenis), Gugu resistirá a repressões e chantagens emocionais ("Você me faz parecer o pior pai do mundo", diz Batista, à dada altura). Pré-candidato ao Oscar de melhor filme internacional (depois de fortes presenças de filmes como *Ainda estou aqui* e *O agente secreto*), Feito pipa deve encontrar punhado de cerol no percurso por maiores voos.



DIVULGAÇÃO/PARIS FILMES

***Feito pipa*, pré-selecionado pelo Brasil, tentará vaga no Oscar 2027**